

ANÁLISE DE PAISAGENS TURÍSTICAS DA PRAIA DE JENIPABU (RN) COM A UTILIZAÇÃO DE INDICADORES DE QUALIDADE VISUAL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O TURISMO SUSTENTÁVEL

Ilton Araújo Soares

Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente - UFRN
iltonet@yahoo.com.br

Carla Stefanea Cabral de Medeiros

Tecnóloga em Hotelaria; Graduada em Turismo – Centro Universitário UNIFACEX
cfania25@yahoo.com.br

Antônio Sales Filho

Graduado em Turismo – Centro Universitário UNIFACEX
tonytc@hotmal.com

RESUMO

As paisagens estão entre os principais responsáveis pela atratividade dos destinos turísticos, ao mesmo tempo em que - muitas vezes - são degradadas devido a práticas ambientalmente insustentáveis da atividade turística. Diante desse contexto, este trabalho tem como objetivo investigar a qualidade visual das paisagens turísticas da Praia de Jenipabu/RN e contribuir para seu uso de forma sustentável. Para isso utilizou-se como suporte teórico o método sistêmico e como metodologia um conjunto de indicadores de qualidade visual da paisagem. Constatou-se que o conjunto de elementos naturais representados pelos indicadores utilizados na pesquisa confere relevante qualidade visual às paisagens de Jenipabu. Os indicadores naturalidade e diversidade são os mais representativos na análise das paisagens em tela, sendo seus elementos de grande importância para a configuração da paisagem natural e turística. Não foram percebidos impactos de grande magnitude para degradação dos elementos paisagísticos, tornando-os assim, com alto grau de naturalidade. Entretanto, para a prática do turismo sustentável e manutenção da qualidade natural e turística das paisagens faz-se necessário respeitar a fragilidade dos ecossistemas naturais e o plano de manejo da área de proteção ambiental onde se encontram os elementos que compõem as paisagens analisadas.

Palavras-chave: Paisagem turística. Indicadores de qualidade visual. Turismo sustentável. Planejamento ambiental. Jenipabu.

ANALYSIS OF TOURIST LANDSCAPES OF JENIPABU BEACH (RN) WITH THE USE OF QUALITY INDICATORS: A CONTRIBUTION TO SUSTAINABLE TOURISM

ABSTRACT

Landscapes are amongst the main factors for the attractiveness of the tourist destinations, while at the same time they are degraded as a result of environmentally unsustainable practices of the tourist activity. Therefore, this study aims to investigate the visual quality of the tourist landscapes of the Jenipabu beach/RN and to contribute to its sustainable use. In order to achieve that, the systemic method was used as theoretical support and a group of indicators of visual quality of the landscape was used as methodology. It was observed that the group of natural elements represented by the indicators used in the research confers relevant visual quality to Jenipabu's landscapes.

Recebido em 28/03/2012

Aprovado para publicação em 18/02/2013

Este artigo é produto do projeto de pesquisa de título "Análise de Qualidade Visual de Paisagens Turísticas com a Utilização de Indicadores: uma Contribuição para o Turismo Sustentável" e financiado pelo edital nº 01/2011 da Faculdade de Ciência, Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte, instituição de ensino denominada atualmente Centro Universitário UNIFACEX.

The indicators naturality and diversity are the most representative in the analysis of the landscapes under discussion, with their elements being of great importance to the configuration of the natural and tourist landscape. Impacts of great magnitude have not been observed for the degradation of the landscape elements, making them with high level of naturality. However, for the practice of the sustainable tourism and the maintenance of the natural and tourist quality of the landscapes, it's necessary to respect the fragility of the natural ecosystems and the management plan of the environmental protection area where the elements that make up the landscapes under analysis are located.

Keywords: Tourist landscape. Visual quality indicators. Sustainable tourism. Environmental planning. Jenipabu.

1 INTRODUÇÃO

Muitos destinos e territórios turísticos só existem em função das paisagens naturais que configuram, especialmente, aquele dado lugar ou território. Dessa maneira, a paisagem torna-se um dos principais atrativos turísticos de muitas localidades que passaram pelo processo de turistificação, o que torna de grande relevância à preservação da qualidade natural destes ambientes.

Entretanto, o processo de formação de destinos turísticos ocorre, muitas vezes, a partir da apropriação dessas paisagens, as quais é atribuído valor cênico, são apropriadas enquanto mercadorias (CARLOS, 1999) e transformadas em paisagens turísticas. Com efeito, esse processo ocasiona transformações substanciais nas relações socioespaciais que existiam antes da apropriação do território pela atividade turística, levando em muitas situações, a desfiguração das paisagens naturais, podendo acarretar em processos de degradação ambiental, algumas vezes de forma irreversível, como a destruição de dunas e campos dunares, retirada de vegetação natural, dentre outros.

Ruschmann (1997, p. 35), afirma que “Como o meio ambiente se constitui um elemento fundamental do turismo, sua manutenção ‘sadia’ é fundamental para a manutenção da atividade.” Dentro dessa perspectiva estão as paisagens naturais, que precisam ser preservadas pelo seu direito intrínseco à existência e também pela própria manutenção da atividade turística, como afirma a autora.

Entendida como a porção visível dentro da configuração territorial (SANTOS, 2009) e de grande relevância para o turismo, é de suma importância estudar as paisagens apropriadas pela atividade turística, suas transformações, singularidade e diversidade, de forma a tentar compreender seu valor enquanto cenário natural e turístico, sua importância para o desenvolvimento do turismo, as relações entre paisagem e turismo e, contribuir para a prática de uma atividade sustentável.

A praia de Jenipabu, localizada no município de Extremoz/RN, apresenta paisagens naturais de relevante valor natural, cênico e turístico, como: dunas, lagoas interdunares, vegetação costeira e faixa de praia, garantindo-lhe uma diversidade paisagística e que faz dela um dos maiores destinos turísticos do estado do Rio Grande do Norte. Assim sendo, torna-se relevante estudar suas paisagens turísticas, buscando contribuir para sua valorização e preservação enquanto elementos naturais, e potencialização e uso racional enquanto ambiente apropriado pela atividade turística.

A partir da perspectiva do turismo sustentável e da utilização de um conjunto de indicadores de qualidade visual de paisagem turística, e como suporte teórico o método sistêmico, este artigo tem como objetivo investigar a qualidade visual das paisagens turísticas da praia de Jenipabu/RN com o uso de indicadores de qualidade visual. Buscam-se ainda identificar os principais elementos das paisagens turísticas da praia objetos deste estudo; analisar os principais detratores (ações humanas impactantes) que degradam a qualidade das paisagens; investigar as possibilidades de aumentar o potencial paisagístico dos pontos estudados e contribuir para a realização de um turismo sustentável.

2 PAISAGEM, PAISAGEM TURÍSTICA E TURISMO SUSTENTÁVEL

Dentre as diversas definições encontradas na literatura sobre paisagem oriundas de autores de diferentes áreas do conhecimento, há um consenso de que paisagem é “[...] a porção visível do espaço” (CRUZ, 2002, p. 107). Ou seja, tudo aquilo que está ao alcance da nossa visão pode ser entendido como paisagem, os objetos e formas naturais e artificiais. A paisagem também é formada por sons e odores, pelo que sentimos na relação com o que é visível.

A paisagem é fixa no espaço (SANTOS, 2009) contudo, há que se ressaltar que mesmo as paisagens não mudando de lugar, frequentemente mudam-se seus significados e para Cruz (2002), é portadora de diversos signos culturais, presentes no imaginário humano e possuidora também de três características intrínsecas e fundamentais a uma análise espacial: a concretude, que são arranjos naturais e antrópicos; fixidez espacial, são fixas no espaço; dimensão histórica, não mudam ao longo do tempo em função de processos naturais, mas fundamentalmente em função de processos sociais.

Para Santos (2009, p. 104), “A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual”. Esta característica amplia a diversidade visual das paisagens, aumentando o número de elementos e formas que a compõem, como por exemplo, dunas recentes, paleodunas e falésias num mesmo ambiente costeiro, ou ainda estruturas arquitetônicas de épocas precedentes juntas a estruturas recentes, exercendo, muitas vezes, funções diferentes da qual foi criada, atribuindo-lhe valor histórico, e, por conseguinte, turístico.

A paisagem tem grande importância para a atividade turística, pois é com ela que quase sempre o turista tem o primeiro contato ao chegar ao destino a ser visitado. Em razão disso, o turismo é certamente a atividade econômica que mais se apropria da paisagem. Assim, Cruz (2002, p. 109) afirma que “O turismo como atividade humana, aponta Nicolás (1989), é a única que aproveita o espaço tanto pelo seu valor paisagístico como pelas condições ambientais que prevalecem (clima, hidrologia, vegetação, etc.)”. A paisagem é, geralmente, um dos principais atrativos da atividade turística nas suas várias modalidades, como o Turismo de sol e mar, Turismo histórico e Ecoturismo, por exemplo, por isso é de grande importância para este ramo do conhecimento.

A diferença entre paisagem e paisagem turística, é que a segunda é toda paisagem atribuída de valor turístico, ou seja, uma paisagem utilizada como mercadoria para a atividade turística, uma paisagem turistificada. É sua qualidade estética associada aos demais equipamentos turísticos (hospedagem, restaurantes, transportes, etc.), e também a modalidade de turismo que “está na moda” que vão ditar se uma dada paisagem tem ou não valor turístico.

Contraditoriamente, as paisagens são, muitas vezes, apropriadas pelo turismo enquanto mercadoria e ao mesmo tempo passam por processo de degradação ocasionado pelo seu uso insustentável (CRUZ, 2002). Diante dessa realidade, é preciso que a utilização da paisagem pela atividade turística se dê em bases sustentáveis, de maneira a garantir sua preservação, qualidade visual e a própria manutenção da atividade turística.

Nesse sentido, o turismo sustentável tem como princípio a preservação dos recursos socioambientais e turísticos, podendo ser aplicado na cidade e no campo, e principalmente, é válido para todos os segmentos desta atividade e pode ser entendido como “[...] todas as formas de desenvolvimento turístico, gestão e atividade que mantêm a integridade ambiental, social e econômica e o bem-estar dos recursos naturais, construídos e culturais para a perpetuidade” (DIAS, 2003, p. 59).²

Portanto, o turismo sustentável deve ser a base metodológica da implementação da prática turística, haja vista ser uma atividade que depende sobremaneira dos recursos naturais.

3 MATERIAL E MÉTODO

Adota-se para este estudo como suporte teórico o método sistêmico, que segundo Christofolletti (1999, p. 05), “[...] um sistema é um conjunto estruturado de objetos e/ou atributos [...] que

² Definição da Federação de Parques Nacionais e Naturais Europeia.

exibem relações discerníveis um com os outros e operam conjuntamente como um todo complexo [...]”. O autor afirma ainda que,

A abordagem holística sistêmica é necessária para compreender como as entidades ambientais físicas, por exemplo, expressando-se em organizações espaciais, se estruturam e funcionam como diferentes unidades complexas em si mesmas e na hierarquia de aninhamento (CHRISTOFOLETTI, 1999, p. 1).

A abordagem sistêmica corrobora para a compreensão das paisagens e suas interações devido ao fato delas serem consideradas como uma porção do espaço fruto de inter-relações envolvendo elementos físicos, bióticos e antrópicos, que interagem de forma dinâmica, instável, dialética e indissociável (BERTRAND, 1971 apud GUERRA; MARÇAL, 2006).

Nesse sentido, este artigo analisa de maneira sistêmica e integrada os elementos que envolvem as paisagens objetos deste estudo, compreendendo que só assim, podem ser estudadas em sua complexidade.

A Organization for Economic Co-operation and Development – OECD, considera os indicadores “[...] como um parâmetro, ou valor derivado de parâmetros que apontam e fornecem informações sobre o estado de um fenômeno, com uma extensão significativa” (BELLEN, 2006, p. 43). Dessa forma, os indicadores podem ser considerados como variáveis que juntas representam um quadro de referência que analisados sistemicamente, trarão à luz a realidade de um dado espaço geográfico, representado aqui pelas paisagens objetos de estudo (SOARES, 2010).

Para Tunstall (1994, apud BELLEN, 2006), são cinco as principais funções dos indicadores: avaliação de condições e tendências; comparação entre lugares e situações; avaliação de condições e tendências em relação às metas e aos objetivos; prover informações de advertência e antecipar futuras condições e tendências. Neste trabalho, a utilização de indicadores de qualidade visual tem como funções a avaliação de condições e tendências das paisagens objetos deste estudo e prover informações de advertência.

As condições são expostas pela própria caracterização propiciada pela utilização da metodologia. Já as tendências são apontadas a partir da interpretação dos indicadores pautados na perspectiva do uso sustentável das paisagens pela atividade turística.

As informações de advertência dão-se a partir dos dados obtidos com a investigação do indicador “detratores”, em que são apontadas as ações humanas que estão impactando a qualidade visual da paisagem e suas respectivas medidas mitigadoras.

Nessa abordagem, os indicadores atuam também como indicadores de sustentabilidade, uma vez que, além da caracterização visual da paisagem, contribuem também para a proposição de medidas para a preservação da qualidade ambiental das paisagens turísticas investigadas. Nesse sentido, a utilização de indicadores de sustentabilidade pode contribuir para otimizar o fazer turístico e suas interfaces com a natureza e a sociedade, e assim, colaborar para a mudança do paradigma atual dessa atividade que, muitas vezes, é tida como degradadora dos recursos naturais e que pouco valoriza e respeita as comunidades locais onde se instala.

A proposta metodológica ora apresentada é uma adaptação da metodologia adotada por Pires (2005) para a análise da qualidade visual da paisagem como etapa para caracterização de paisagens turísticas.

Esta metodologia se caracteriza como observação sistemática, não-participante (LAKATOS; MARCONI, 2010), e com avaliação direta e indireta da paisagem, visto que foram coletados dados em campo e a partir da análise das cenas (fotografias) em gabinete.

Para a caracterização e posterior análise das paisagens estudadas, foram escolhidos pontos onde foram feitas fotografias para análise dos indicadores de qualidade visual. Estas foram escolhidas de acordo com os elementos que compõem as paisagens em tela, enfatizando aqueles que se configuram com os mais atrativos e de maior beleza cênica. Outro fator para a escolha das cenas se deu a partir dos elementos detratores encontrados. Para seleção das paisagens foram considerados também os indicadores propostos nesta metodologia. Em síntese, os critérios adotados foram:

- A. pontos relevantes da paisagem (mirantes naturais ou construídos);
- B. locais preferenciais ou potenciais de concentração dos turistas e usuários da paisagem;
- C. os próprios locais onde estão os atrativos turísticos, desde que permitam vistas abertas e panorâmicas (PIRES, 2005).

Na metodologia proposta por Pires (2005), os indicadores são divididos em quatro categorias: diversidade, naturalidade, singularidade e detratores. Cada indicador é composto por um conjunto de elementos ou condições (variáveis) que possibilitam a sua classificação e consequente análise. A seguir serão descritos cada um dos indicadores.

- **Diversidade** expressa a variedade paisagística existente num determinado espaço territorial. Assume-se, então, que uma paisagem variada possui mais valor que uma paisagem homogênea, por apresentar partes diferenciadas com distintos componentes visuais e com ausência de monotonia;

- **Naturalidade** é expressa pela ausência ou pela insignificância de elementos ou estruturas de origem humana em uma área. A naturalidade é representada, sobretudo, pela vegetação natural, a qual resulta de um processo interativo entre os fatores do meio físico. A vegetação, quando remanescente de formações originais com pouca ou nenhuma alteração, representa o mais alto grau de equilíbrio ecológico do ambiente em que se encontra, merecendo, desta forma, uma elevada valorização pelo aspecto de naturalidade que empresta à paisagem;

- **Singularidade** que se caracteriza pela existência de ocorrências de origem natural (feições geomorfológicas, elementos vegetais, espécies animais, sítios paleontológicos), ou manifestações de origem humana (sítios arqueológicos, usos do solo), assim como elementos visuais, como unicidade, unidade, raridade, antiguidade, grandiosidade, excepcionalidade, beleza, amplitude visual, interesse histórico e outras características notáveis que as tornam singulares;

- **Detratores** são resultantes de atividades humanas que imprimem um aspecto de "artificialização" e distanciamento das condições naturais da paisagem e, muitas vezes, de sua degradação visual e ambiental, diminuindo, portanto, a qualidade visual da paisagem. Processos naturais tais como atividades vulcânicas, erosão, sedimentação, maremotos, tufões, entre outros, também atuam na detração da qualidade visual e, muitas vezes, tem seus efeitos negativos potencializados pelas próprias atividades humanas. No entanto, serão aqui consideradas apenas as atividades humanas, propriamente ditas, como agentes potenciais de detração paisagística. Deve-se considerar que quando se tratarem de atividades humanas que proporcionam aumento da qualidade visual de uma paisagem, estas serão consideradas ao nível de diversidade e de singularidade (PIRES, 2005, p. 419).

Como citado anteriormente, cada indicador é composto por um conjunto de elementos e condições, que são observados para sua análise, que serão apresentados a seguir.

A. Diversidade visual

O quadro 1 elenca os componentes e elementos visuais considerados para análise do indicador diversidade. São atribuídos pesos que somados levam a uma escala de classificação, estabelecendo o grau da diversidade das paisagens analisadas.

Nesse indicador foi feita uma adaptação da proposta metodológica original consignada por Pires (2005), retirando-se um dos elementos visuais de análise diante da dificuldade de interpretação do mesmo. Dessa forma, a escala de classificação foi modificada, entretanto, mantendo a mesma proporcionalidade entre as classes.

De acordo com Pires (1999), a forma "é o volume ou superfície de um objeto ou objetos que aparecem unificados tanto pela configuração que apresentam na superfície do terreno, como pela localização conjunta na paisagem." A textura "é a agregação de formas e cores percebidas como variações ou irregularidades de uma superfície contínua."

Quadro 1 – Variáveis do indicador diversidade visual

COMPONENTES	ELEMENTOS VISUAIS (propriedades visuais)	NÍVEL DE DESTAQUE			
		GRANDE (PESO 6)	MODERADO (PESO 3)	POUCO (PESO 1)	NENHUM (PESO 0)
RELEVO	Forma/volume				
VEGETAÇÃO	Textura				
	Cor/Tonalidade				
	Forma				
ÁGUA	Cor/Tonalidade				
ATIVIDADES HUMANAS	Forma				
	Cor				
SUBTOTAL (Nº DE OCORRÊNCIA X PESO)					
ESCALA CLASSIFICAÇÃO	DE 22 A 42 – Alta diversidade				CLASSIFICAÇÃO
	DE 8 A 21 – Média diversidade				
	ATÉ 7 – Baixa diversidade				

Fonte: Pires (2005)

B. Naturalidade

O segundo indicador considerado é naturalidade, que destaca, principalmente, a vegetação e existência de estrutura física implementada por ação humana. O quadro 2 abaixo mostra as cinco classes deste indicador.

Quadro 2 – Classificação do indicador naturalidade

GRADIENTE DE MODIFICAÇÃO DA PAISAGEM NATURAL	CLASSIFICAÇÃO
Paisagem natural sem alterações visíveis. Paisagem natural pouco alterada.	NATURALIDADE SUPERIOR (S)
Paisagem predominantemente natural com alterações pequenas e moderadas.	NATURALIDADE MÉDIA-SUPERIOR (MS)
Paisagem tipicamente rural (campestre, cultivada, colonial). Paisagem urbana/Periurbana com entorno predominantemente natural.	NATURALIDADE MÉDIA (M)
Paisagem Periurbana misturada com elementos de paisagem rural. Paisagem urbana/periurbana com presença de elementos naturais em seu entorno. Paisagem urbana com expressiva presença de áreas verdes (arborização de rua, bosques, parques/praças).	NATURALIDADE MÉDIA-INFERIOR (MI)
Paisagem urbana com poucos elementos naturais ou áreas verdes	NATURALIDADE INFERIOR (I)

Fonte: Pires (2005)

C. Singularidade

Para a análise do indicador “singularidade” são utilizados os seguintes critérios:

1. Critérios de identificação

- Presença na paisagem de componentes e/ou suas propriedades visuais com atributos tais como unicidade, raridade, grandiosidade, excepcional beleza;
- Grande amplitude visual (paisagem extremamente panorâmica);
- Ocorrência de fenômenos atmosféricos notáveis tais como nascer e pôr-do-sol, arco-íris, nuvens e nebulosidade;
- Presença de fauna;
- Paisagem natural sem alterações;
- Presença na paisagem de ocorrências ou aspectos ecológicos, geográficos ou ambientais de relevância educativa ou científica;

- Ocorrência de interesse histórico ou cultural que possua expressão visual (PIRES, 2005).

2. Critérios de classificação

Quadro 3 – Classificação do indicador singularidade

Grande potencial de atratividade turística em nível nacional e internacional	(Gr)
Razoável potencial de atratividade turística em nível estadual e subnacional	(Rz)
Limitado potencial de atratividade turística em nível subestadual (regional)	(Lm)

Fonte: Pires (2005)

D. Detratores

As intrusões são as formas, estruturas e ações humanas que degradam a qualidade da paisagem e/ou o meio ambiente onde ela está inserida.

Para análise deste indicador são utilizadas as seguintes classes:

Quadro 4 – Classes do indicador detratores

Pequena intrusão	(PI)
Conjunto de pequenas intrusões	(Cj-PI)
Média intrusão	(MI)
Conjunto de médias intrusões	(Cj-MI)
Grande intrusão	(GI)
Conjunto de grandes intrusões	(Cj-GI)

Fonte: Pires (2005)

Ao final da análise de cada indicador a metodologia propõe um quadro final de avaliação da qualidade visual da paisagem mostrado a seguir.

Quadro 5 – Classificação da qualidade visual das paisagens

CLASSE DE QUALIDADE VISUAL	PARÂMETROS DE ENQUADRAMENTO
Qualidade visual superior (S)	A. Níveis superiores de diversidade e naturalidade. B. Com singularidade grande e razoável. C. Ausência de detratores, ou no máximo, pequeno detratador.
Qualidade visual média-superior (MS)	A. Nível superior de diversidade e médio-superior de naturalidade. B. Com singularidade limitada a razoável. C. Ausência de detratores, ou no máximo, pequenos detratores.
Qualidade visual média (M)	A. Níveis médios de diversidade e naturalidade. B. Ausência de singularidades. C. Presença de pequenos e médios detratores.
Qualidade visual média-inferior (MI)	A. Média diversidade. B. Naturalidade média-inferior. C. Ausência de singularidade. D. Presença de médio(s) detratador(es)
Qualidade visual inferior (I)	A. Níveis inferiores de naturalidade e diversidade. B. Sem singularidade. C. Presença de médio(s) e grande(s) detratador(es)

Fonte: Pires (2005)

Para a análise dos indicadores são necessárias algumas características de fundamental importância para o alcance de um resultado consistente a partir da proposta metodológica adotada. Dentre eles destacam-se:

- I. Subjetividade – apesar do caráter científico da pesquisa, a análise da qualidade visual da paisagem exige certo grau de subjetividade, do olhar particular do pesquisador diante das cenas observadas em campo e depois analisadas em gabinete. Entretanto, a subjetividade não pode deixar de ser respaldada pelo conhecimento técnico e empírico. Isso ocorre, principalmente, na análise dos elementos da diversidade da paisagem.
- II. Conhecimento teórico e técnico dos ambientes físicos analisados - para a elaboração de um estudo coerente, é preciso que o pesquisador conheça as propriedades físicas do ambiente que compõe as paisagens estudadas.

- III. Conhecimento das relações socioespaciais do meio onde estão localizadas as paisagens estudadas – como o objetivo é estudar a qualidade visual da paisagem, torna-se necessário conhecer a dinâmica socioespacial da área pesquisada para apreender quais as demandas paisagísticas existentes para a atividade turística, a importância daquelas paisagens tanto para o turista como também para as comunidades locais. Isso se torna necessário para a análise aqui proposta, pois se busca contribuir para a prática de um turismo sustentável e este não é possível sem as premissas expostas acima.

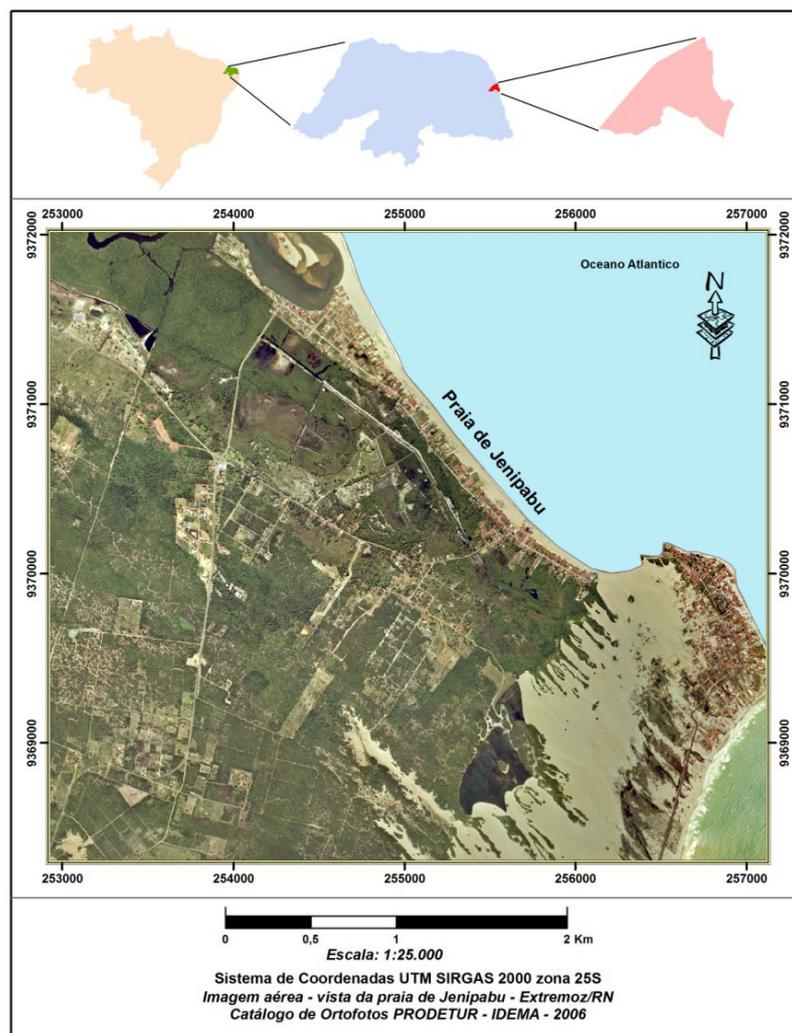
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A praia de Jenipabu está localizada no município de Extremoz/RN e é considerada um dos principais destinos turísticos do Rio Grande do Norte (figura 1). Está distante 25 km de Natal, emissor de turistas para a localidade, visto que grande parte dos visitantes de Jenipabu ficam hospedados nos hotéis da capital do estado.

A área de estudo apresenta clima tropical chuvoso com chuvas no inverno, verão seco e precipitação pluviométrica média anual de 1456,6 mm. A temperatura média anual é de 26,6° C. A geologia da região é formada, principalmente, por sedimentos do grupo Barreiras e por dunas fixas e móveis. A vegetação é composta por espécies do tabuleiro costeiro, manguezal e ecossistemas associados à mata atlântica (RIO GRANDE DO NORTE, 2008; RIO GRANDE DO NORTE, 2009).

Figura 1 – Mapa de localização da área de estudo



Fonte: Elaborado pelos autores

Em Jenipabu, o turista encontra diversas opções de lazer, como o passeio de bugue pelas dunas móveis e fixas, principal atrativo da localidade, além do passeio de dromedários, visita às lagoas interdunares, o passeio de esquibunda nas dunas e de jangada no mar.

As dunas móveis e fixas e as lagoas (permanentes e intermitentes) estão localizadas dentro da Área de Proteção Ambiental de Jenipabu - APAJ, criada pelo decreto nº 12.620/1995 (RIO GRANDE DO NORTE, 2009). Área de Proteção Ambiental – APA, é um tipo de unidade de conservação de uso sustentável, criada pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC, instituída pela Lei nº 9.985/2000, com objetivos de utilização dos recursos naturais e permitir o uso e ocupação do solo com preservação ambiental (BRASIL, 2005).

O decreto que instituiu a APA estabelece a criação de zonas e subzonas destinadas a atividades turísticas e de lazer, como o passeio de bugue e trilhas ecológicas, por exemplo. A APA tem uma área de 1.739 hectares e abrange os municípios de Extremoz (96,9% da sua área) e Natal (3,1%). A área de proteção apresenta diversos ecossistemas litorâneos associados à mata atlântica, como mangues, dunas, matas, restingas, praias e lagoas, o que aumenta a diversidade paisagística e sua beleza cênica (RIO GRANDE DO NORTE, 2009).

4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a análise da qualidade visual das paisagens de Jenipabu foram escolhidas nove fotografias consideradas representativas das paisagens turísticas para a discussão em tela. Foram selecionados pontos que representam os atrativos naturais e turísticos da localidade, como a faixa de praia, a lagoa e o conjunto dunar, não sendo consideradas outras áreas, como a área urbana, por exemplo. Esta decisão deu-se pelo fato de considerar que são estas paisagens as responsáveis por tornar Jenipabu um dos principais destinos turísticos do Rio Grande do Norte e do Nordeste.

A partir da aplicação da metodologia proposta constatou-se que das nove paisagens analisadas cinco apresentam qualidade visual superior, o que corresponde a 55,5% do total, três apresentam qualidade visual média - superior (33,3% do total) e uma média (11,1%) (quadro 6). Este resultado evidencia a alta qualidade visual das paisagens de Jenipabu, atribuídas, principalmente, aos fatores naturais e diversidade de elementos paisagísticos. As paisagens que apresentaram qualidade média-superior e média ocorrem, principalmente, devido à presença de pequenos e médios detratores e não necessariamente pela falta de diversidade, naturalidade e singularidade.

Quadro 6 – Análise da qualidade visual das paisagens

ANÁLISE DA QUALIDADE VISUAL DAS PAISAGENS					
FOTOGRAFIAS	INDICADORES CONSIDERADOS				
NÚMERO	DIVERSIDADE	NATURALIDADE	SINGULARIDADE	DETRATORES	QUALIDADE VISUAL
01	ALTA	S	GR	PI	S
02	ALTA	S	GR	PI	S
03	ALTA	S	GR	PI	S
04	ALTA	S	Rz	PI	S
05	MÉDIA	MS	Lm	MI	M
06	MÉDIA	S	GR	PI	S
07	ALTA	MS	Rz	Cj-MI	MS
08	MÉDIA	S	Lm	-	MS
09	ALTA	MS	Rz	Cj-MI	MS

Fonte: Elaborado pelos autores

Nota explicativa das siglas:

Indicador naturalidade:

S – Naturalidade superior

MS – Naturalidade média-superior

Indicador Singularidade

GR – Grande potencial de atratividade turística em nível nacional e internacional.

Rz – Razoável potencial de atratividade turística em nível estadual e subnacional.

Lm – Limitado potencial de atratividade turística em nível subestadual (regional)

Indicador Detratores

PI – Pequena intrusão
MI – Média intrusão
Cj-MI – Conjunto de médias intrusões

Qualidade visual

S – Qualidade visual superior
MS – Qualidade visual média-superior
M – Qualidade visual média

A. Diversidade

Na análise do indicador diversidade, seis fotografias apresentam alta diversidade e três foram interpretadas com diversidade média. A maior parte das cenas que apresentam alta diversidade contém os principais elementos das paisagens analisadas, que são as dunas, a vegetação dunar, o mar e o céu azul, os dois últimos, símbolos do segmento turístico de massa “sol e mar”, praticado em Jenipabu.

Pode-se constatar que a diversidade é um dos principais indicadores de qualidade visual de Jenipabu, conferido pelo conjunto de elementos naturais que podem ser explorados turisticamente e que lhe garantem relevante beleza natural. As fotografias 1, 2 e 3 são as que mais representam esta diversidade. A fotografia 1 possibilita a vista panorâmica do mar e dos arenitos de praia³ de cima da duna frontal. Já na fotografia 3 pode-se observar na mesma paisagem a lagoa de Jenipabu, as dunas em seu entorno, parte delas cobertas por vegetação, e em segundo plano o mar e o céu no horizonte.

Fotografia 1 – Vista panorâmica de cima da duna **Fotografia 2** – Vista da faixa de praia destacando a duna frontal



Foto: Ilton Soares (2011)



Foto: Ilton Soares (2011)

Fotografia 3 – Lagoa de Jenipabu



Foto: Ilton Soares (2011)

Dos componentes utilizados no indicador diversidade (relevo, vegetação, água e atividades humanas), este último é o que tem menos influência sobre a diversidade das paisagens, exceto

³ Rocha resultante do endurecimento e cimentação das areias dos recifes formados sobre as praias (GUERRA; GUERRA, 2003).

a construção de um restaurante à beira-mar, no sopé da duna frontal ao mar, que se harmoniza com os elementos naturais (fotografia 1) e a presença da jangada na fotografia 2. Essa embarcação, por sua vez, imprime um elemento cultural à paisagem, pois apesar de ser utilizada também para passeios turísticos, seu principal uso em Jenipabu ainda é para prática da pesca artesanal. Já os demais componentes são bastante expressivos em quase todas as paisagens analisadas, principalmente as representadas pelas fotografias 1, 2, 3 e 4. A importância do relevo nas paisagens ocorre pelas formações dunares, visões panorâmicas e mirantes naturais. Em Jenipabu são encontradas dunas móveis e dunas fixas cobertas com vegetação natural, fator que amplia a diversidade natural da paisagem.

As paisagens com diversidade média foram assim classificadas devido sua homogeneidade, pela predominância de dunas na cena e pela pouca presença de vegetação. A fotografia 5, por exemplo, mostra a porção oeste da faixa de praia, o lado oposto ao campo dunar de Jenipabu e utilizada principalmente para veraneio (turismo de segunda residência). Esta parte da orla é pouco explorada pelo turismo de massa, o que se explica pela carência de diversidade de elementos paisagísticos.

Fotografia 4 – Campo dunar de Jenipabu



Foto: Ilton Soares (2011)

Fotografia 5 – Faixa de praia de Jenipabu



Foto: Ilton Soares (2011)

De modo geral, a variedade de elementos naturais imprime um relevante grau de diversidade às paisagens de Jenipabu, tornando-as heterogêneas e garantindo seu potencial enquanto paisagens turísticas.

B. Naturalidade

No indicador naturalidade, seis fotografias apresentam naturalidade superior e três médio-superior, o que mostra o alto grau de presença de elementos naturais nas paisagens analisadas. As fotografias que apresentam naturalidade média-superior se deram devido à presença de detratores configurados pelas construções de casas de segunda residência, hotéis e barracas a beira-mar que inserem elementos artificiais de intervenções humanas.

Mais uma vez percebe-se a importância do conjunto dunas, vegetação dunar, o mar e o céu azul para a naturalidade das paisagens analisadas. Soma-se a estes elementos a lagoa de Jenipabu, um dos principais atrativos turísticos da localidade.

Os elementos paisagísticos naturais são predominantes em todas as paisagens turísticas de Jenipabu, o que aumenta a qualidade visual e potencializa os atrativos, ao mesmo tempo em que inspira maiores cuidados, seja do ponto de vista paisagístico, da prática do turismo com sustentabilidade ambiental ou da necessidade do planejamento do uso e ocupação do solo e preservação dos recursos naturais. A naturalidade como sendo um dos principais indicadores do segmento do turismo de sol e mar, deve ser preservada no sentido de garantir o equilíbrio dos sistemas ambientais e a própria sustentabilidade da atividade turística.

A pouca urbanização é uma das características que favorecem a naturalidade de Jenipabu, uma vez que a densidade urbana imprime um caráter de artificialidade ao ambiente. O padrão de ocupação humana na faixa de pós-praia dá-se predominantemente por residências horizontais unifamiliares e com cores que se harmonizam com a paisagem natural. Apenas na porção oeste, um pouco afastado dos principais atrativos turísticos da localidade, são encontrados dois empreendimentos habitacionais verticais multifamiliares (fotografia 5), mas

que não se configuram como grandes intrusões. A permanência deste padrão de ocupação, sem a presença de muitas habitações verticais multifamiliares é de fundamental importância para a manutenção da naturalidade da paisagem da praia de Jenipabu.

Não se percebe nas fotografias analisadas a criação de paisagens artificiais citadas em Cruz (2002). Apesar da importância de Jenipabu em quanto destino turístico potiguar e nordestino, seus atrativos são predominantemente naturais, não tendo até agora, uma tentativa por parte dos planejadores turísticos locais de implementação de elementos artificializados com intuito de “potencializar” o poder atrativo da paisagem local.

C. Singularidade

No tocante ao indicador singularidade, quatro paisagens apresentam grande potencial de atratividade turística em nível nacional e internacional, três apresentam razoável potencial de atratividade turística em nível estadual e subnacional e duas são consideradas com limitado potencial de atratividade turística em nível subestadual (regional). Aquelas que apresentam grande potencial de atratividade turística são exatamente as que contêm os principais atrativos turísticos de Jenipabu como, por exemplo, a duna à beira-mar e sua vegetação, que dão um caráter de contraste e grande beleza cênica, principalmente pela forma da duna, seu grau de inclinação e sua disposição quase à beira-mar onde as ondas batem durante a maré alta.

A visão panorâmica de cima das dunas configura-se como um dos pontos fortes das paisagens turísticas analisadas, visto que permite uma visão ampla de toda faixa de praia de Jenipabu (fotografias 7 e 9), além de parte da praia de Santa Rita, a Ponte Newton Navarro (atualmente um dos cartões postais de Natal) e o Morro do Careca, na Praia de Ponta Negra.

Outra paisagem de grande relevância natural e turística é a Lagoa de Jenipabu, que se configura num manancial interdunar dentro do campo de dunas da APA de Jenipabu. No seu entorno existem dois mirantes naturais onde os turistas têm a visão de toda a lagoa, além do mar e parte do campo dunar. A visão panorâmica propiciada pela altura das dunas em relação à lagoa (aproximadamente 10 metros) dar maior amplitude a beleza cênica dos atrativos turísticos naturais.

O outro elemento que dar o caráter de singularidade à paisagem é a presença dos dromedários no campo dunar (fotografia 6). Estes animais trazidos da África há cerca de onze anos, fazem parte dos atrativos turísticos de Jenipabu, onde os visitantes podem fazer um passeio sobre as dunas montados nos dromedários vestidos com indumentárias que lembram roupas características da região de onde os animais vieram. Devido à presença diária destes animais na localidade e pelo fato de serem parte dos atrativos turísticos de Jenipabu, eles foram considerados parte da paisagem e como elementos singulares, visto que são animais alóctones e que denotam excepcionalidade a Jenipabu.

As paisagens caracterizadas com razoável potencial de atratividade turística em nível estadual e subnacional apresentam relevante beleza paisagística, diversidade e naturalidade, entretanto não contêm elementos singulares, ou seja, que se destaquem e se diferenciem de outras paisagens litorâneas. Já as fotografias 5 e 8 apresentaram limitado potencial de atratividade turística devido a falta de elementos paisagísticos relevantes do ponto de vista da atratividade turística.

Fotografia 6 – Dromedários sobre as dunas de Jenipabu



Foto: Ilton Soares (2011)

Fotografia 7 – Vista panorâmica de Jenipabu



Foto: Ilton Soares (2011)

Fotografia 8 – Dunas móveis e fixas



Foto: Ilton Soares (2011)

D. Detratores

Em relação ao indicador detratores, estes são responsáveis pela perda de qualidade visual de algumas paisagens. Entretanto, não existem grandes intrusões responsáveis por degradação com relevante magnitude nos pontos analisados. Das paisagens observadas, cinco apresentam pequenas intrusões, duas apresentam conjunto de médias intrusões, uma apresenta média intrusão e um ponto não apresenta nenhuma intrusão.

Os detratores influenciam na perda da qualidade visual de duas paisagens analisadas pelo caráter de artificialização inserido, principalmente pela presença de construções de casas e hotéis à beira-mar e no sopé da duna (fotografia 9), e, por conseguinte, perda de grau de naturalidade. As maiores intrusões são percebidas nas fotografias 7 e 9 exatamente pela presença de construções imobiliárias próximas a faixa de praia. Entretanto, ambas apresentam grande beleza paisagística proporcionada além dos elementos naturais pela visão panorâmica.

Na faixa de pós-praia são encontradas barracas que servem bebidas e refeições, entretanto estas não se configuram como barreiras para a circulação de turistas e banhistas, visto que ocupam pequena porção da areia. Apesar da grande quantidade de turistas e visitantes, Jenipabu não apresenta territorialização de extensa faixa de praia por barracas dificultando a circulação dos visitantes, como acontece em outros destinos turísticos.

Fotografia 9 – Vista da área urbana e da faixa de Praia de Jenipabu



Foto: Ilton Soares (2011)

Um dos problemas encontrados na área de estudo e que se configura como degradação da paisagem é a existência de residências sobre as dunas (fotografia 6). Esta realidade é maior na praia vizinha de Santa Rita, mas também são encontradas casas no campo dunar de Jenipabu. Atualmente, existe uma medida judicial que impede novas construções naquela área.

Um dos principais atrativos turísticos de Jenipabu são os passeios de bugue sobre o campo de dunas móveis localizados dentro da área de proteção ambiental. Deve-se chamar atenção para o controle do número de veículos que trafegam sobre as dunas, principalmente na alta estação. Como estes se deslocam sobre o campo de dunas móveis, caso não sejam obedecidos os estudos de vulnerabilidade e capacidade de carga, os veículos podem acelerar o processo de deslocamento natural dos sedimentos, o que pode acarretar aumento dos processos erosivos,

e mudanças na morfologia das dunas pela ação antrópica, provocado pelo desequilíbrio ambiental do sistema dunar. Estes processos antrópicos podem, em médio prazo, além dos danos ambientais citados provocar também degradação da paisagem natural e redução do potencial atrativo daquele destino turístico.

Outra prática realizada pelos visitantes em Jenipabu é a observação da vista dos mirantes naturais da lagoa que aparecem nas fotografias 3 e 4. Apesar da presença de pessoas sobre as dunas ser classificada como pequena intrusão do ponto de vista da análise da qualidade visual da paisagem, deve-se ter cuidado com esta prática, visto que a presença de pessoas próximas à linha de declive das dunas que circundam a lagoa pode acarretar no aumento do deslocamento de sedimentos e assoreamento do manancial. Apesar de ter placas que alertam até onde os visitantes podem ir, algumas pessoas desrespeitam as instruções, o que ocorre também pela pouca fiscalização na área. Assim como no caso dos bugues, isso pode a médio ou longo prazo provocar degradação ambiental e da paisagem.

A magnitude dos detratores pode caracterizar-se como uma contradição entre a produção do espaço pelo e para o turismo e a preservação ambiental, como aponta Rodrigues (1999), por conseguinte, a própria degradação da atividade turística. Esse processo contraditório está diretamente relacionado à presença de detratores e a qualidade visual das paisagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As paisagens são elementos fundamentais para a prática turística. No segmento de turismo de sol e mar praticado na Praia de Jenipabu, as paisagens naturais têm grande importância como atrativos turísticos. Na perspectiva da paisagem como mercadoria sua utilização deve levar em consideração os princípios do turismo sustentável, garantindo a conservação dos recursos naturais e a perpetuação da própria atividade. Nesse sentido, os indicadores de qualidade visual emergem como ferramentas de grande importância para avaliar a qualidade visual das paisagens e, dentro de uma abordagem de sustentabilidade, contribuir também para a qualidade ambiental dos elementos naturais que compõem as paisagens e para o planejamento turístico.

A utilização de indicadores para análise da qualidade visual das paisagens turísticas permitiu averiguar a diversidade de elementos naturais que compõem o quadro paisagístico de Jenipabu. A naturalidade é a principal e mais representativa característica identificada neste estudo, não se percebendo assim, a artificialização da paisagem turística, como ocorre em muitos destinos de grande fluxo turístico, como aponta Cruz (2002).

A naturalidade e a diversidade destacam-se como os dois indicadores mais importantes para a qualidade visual da paisagem, representados por elementos naturais como mar, lagoas naturais, vegetação e dunas, além do clima da região, atrelado ao turismo de massa de sol e mar, principal segmento praticado na região.

Esses elementos conferem a área de estudo uma dinâmica paisagística e uma heterogeneidade, o que amplia a beleza cênica e o potencial de exploração turístico das paisagens. Estas características são ainda mais relevantes devido à singularidade que alguns elementos naturais possuem, como por exemplo, a duna frontal à beira-mar. A visão panorâmica propiciada pelo relevo dunar em diversos pontos do cordão de dunas valorizam ainda mais a beleza cênica e a expressividade da paisagem.

O indicador detrator apresentou pouca magnitude, seja para ampliar a beleza cênica ou para degradação da qualidade visual e ambiental das paisagens analisadas. Entretanto, deve-se chamar a atenção para a ocupação de parte da área de dunas por moradias fixas ou segundas residências, e também a prática dos passeios de bugues pelas dunas móveis, que podem aumentar o processo de deslocamento dos sedimentos dunares e alterações na morfodinâmica da área.

Por fim, constata-se que é a interação dos elementos paisagísticos naturais que fazem de Jenipabu um dos principais destinos turísticos do Rio Grande do Norte e do Nordeste. Da mesma forma, a alta qualidade visual das paisagens dá-se graças à existência de ampla naturalidade e diversidade, associada à singularidade de alguns elementos naturais e paisagísticos e a pouca magnitude dos detratores.

Dessa forma, é preciso considerar o conjunto de elementos sociais e naturais que compõem a paisagem e suas interações no processo de planejamento e gestão do território para o uso turístico. A abordagem sistêmica e holística mostra-se essencial nesse processo. Como fatores determinantes para a prática dessa atividade econômica, a qualidade visual da paisagem e o uso sustentável de seus componentes são fundamentais, e com isso, deve-se ter maior atenção para os impactos que o turismo pode provocar a esse sistema socioambiental.

REFERÊNCIAS

- BELLEN, Hans Michael van. **Indicadores de sustentabilidade**: uma análise comparativa. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.
- BRASIL. **Constituição Federal**: Coletânea de Legislação de Direito Ambiental. 4. ed. São Paulo: Ed. Revistas dos Tribunais, 2005.
- CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Modelagem de sistemas ambientais**. São Paulo: Edgar Blucher, 1999.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri; YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de C. A. da (Orgs.). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza. As paisagens artificiais criadas pelo turismo. *In*: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.
- DIAS, Reinaldo. **Turismo sustentável e meio ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003.
- GUERRA, Antônio Teixeira; GUERRA, Antônio José Teixeira. **Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- GUERRA, Antônio José Teixeira; MARÇAL, Mônica dos Santos. **Geomorfologia Ambiental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- LAKATOS, Eva M., MARCONI, Marina de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- PIRES, Paulo dos Santos. Paisagem litorânea de Santa Catarina como recurso turístico. *In*: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de C. A. da (Orgs.). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. A análise de indicadores da qualidade visual como etapa da caracterização de paisagens turísticas: uma aplicação no distrito-sede de Porto Belo-SC. **Turismo**: visão e ação. Balneário Camburiú, n. 3, v. 7, 2005.
- RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos – SEMARH. Perfil do seu Município: Extremoz. **Extre**. v.10, p.1-23, 2008. Disponível em: <http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/idema/socio_economicos/arquivos/Perfil%202008/Extremoz.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- RIO GRANDE DO NORTE. Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental - APA Jenipabu**: Relatório de Consolidação. Natal: IDEMA, 2009.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. *In*: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de C. A. da (Orgs.). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. 11. ed. Campinas: Papiros, 1997.
- SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**: Técnica e tempo. Razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2009.
- SOARES, Ilton Araújo. **Análise da degradação ambiental das áreas de preservação permanente localizadas no estuário do Rio Ceará-Mirim/RN**. Natal, RN: 2010. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Biociências. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente.